

## **Rômulo, Camilo, Augusto: a Roma renovada de Tito Lívio**

Juliana Bastos Marques

Doutoranda em História, Universidade de São Paulo

Pretendemos neste trabalho ler a obra de Tito Lívio através de uma determinada proposta: a *Ab Urbe Condita* seria a história não apenas da fundação e do desenvolvimento de Roma, mas também, através das ferramentas de interpretação que o próprio Tito Lívio nos traz, das refundações literais e/ou simbólicas da cidade. Nessa visão, podemos dizer que há um elemento de circularidade da História Romana em Tito Lívio, que demonstra sua originalidade em retrabalhar a tradição para especificar seus objetivos na construção do caráter romano e da definição de romanidade. Essa proposta de interpretação tem sido adotada em trabalhos como os de Kraus e Serres<sup>1</sup>, e pretendemos aqui fazer uma leitura que tem primeiramente como base esses estudos. Seguimos, contudo, um pouco mais além, pra identificar paralelismos entre as narrativas e construções das figuras de Rômulo e Camilo no *Ab Urbe Condita* com a posição de Augusto na obra de Tito Lívio.

É possível entender estes três momentos como pontos onde a renovação, tanto física, da cidade de Roma, e simbólica, da romanidade, são cruciais para o desenvolvimento e consolidação do poderio romano. É claro que existem riscos nessa leitura, dado que obviamente não temos os livros de Tito Lívio relativos ao período augustano, mas podemos inferir vários elementos úteis no relacionamento entre Tito Lívio e Augusto, tanto reconhecíveis no texto quanto indiretos e externos, para que seja possível pelo menos uma tentativa de interpretação.

Um outro problema que devemos considerar para verificar paralelismos de renovação de Roma em Rômulo, Camilo e Augusto é o aparente desequilíbrio na leitura do texto de Tito Lívio, na medida em que avaliaremos para tanto apenas os livros 1 (Rômulo), 5-6 (Camilo) e teoricamente os livros contemporâneos ao autor, descartando assim uma grande parte dos 142 livros do *Ab Urbe Condita*. Mas, quanto a isto, também deve ser observado que há um valor especial na primeira década de Tito Lívio, pelo caráter inicial de construção dos elementos da romanidade que depois, no decurso da História Romana, apenas se reafirmam. Pois, tomemos como base os seguintes elementos: 1. Tal como

---

<sup>1</sup> Christina S. Kraus. *Livy. Ab Urbe Condita. Book VI*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994 e Michel Serres. *Rome: le livre des fondations*. Paris: Éditions Grasset & Fasquelle, 1983.

atualmente analisado em Luce<sup>2</sup>, o livro 1 narra o período monárquico fazendo uma esquematização de cada um dos reis de acordo com uma característica ou virtude, simbolizando o surgimento dos diversos atributos morais, cívicos e religiosos do povo romano. Assim, por exemplo, Numa Pompílio seria o consolidador das instituições religiosas e da *pietas*, Tulo Hostílio da ênfase na guerra, Anco Márcio dos rituais religiosos em tempo de guerra e assim por diante. 2. Na primeira pêntade, cada um dos livros é representativo de uma virtude-símbolo do caráter romano, e de como ela é aplicada através do exemplo dos indivíduos ou deturpada pelo exemplo de seus vícios. Então temos, entre outras, a *libertas* no livro 2, como oposição à tirania monárquica de Tarquínio, o Soberbo, a *moderatio* e a *puclicitia* no livro 3, pela vitória da coletividade contra a ambição dos decênviros e a luxúria de Ápio Cláudio contra Virgínia, a *disciplina* que permite a vitória contra os inimigos e a *pietas* no livro 5, que salva a cidade dos gauleses. 3. É interessante considerar também os paralelismos temporais entre os três personagens, já que há um sugestivo equilíbrio na distância de tempo entre a fundação de Roma por Rômulo (cuja data fixada por Varrão seria equivalente a 753 a. C.), a invasão de Roma pelos gauleses e depois reconquista por Camilo em 390 a.C. (AUC 364), e a consolidação institucional de Otaviano no poder (quando lhe é outorgado o título de Augusto - 27 a. C/AUC 726 - exatamente o dobro da data anterior). Este aspecto, que às vezes é tratado pelos estudos atuais como pouco mais do que uma curiosidade, indica bem uma característica peculiar do mundo romano, que é a valorização de paralelos temporais na história da cidade e do império<sup>3</sup>.

Como sugere Serres<sup>4</sup>, há na tradição da origem da cidade de Roma a necessidade de um padrão de violência, destruição e reconstrução sucessiva de cidades até o seu estabelecimento. Assim, tendo como início a queda de Tróia, o ciclo se caracterizaria pela continuidade troiana na chegada e estabelecimento de Enéias no Lácio: Tróia é destruída para que Enéias se estabeleça em Lavínio. Depois, Alba Longa é destruída para que Tulo Hostílio consolide a força de Roma. Mas o ciclo ainda continua com a destruição e reconstrução da própria Roma no livro 5, primeiro indiretamente pela tomada de Veios e depois pela da *Urbs*, com os gauleses. Segundo Tito Lívio, em duas ocasiões os romanos propõem abandonar Roma para se estabelecer em Veios, no começo e no fim do livro 5,

---

<sup>2</sup> Torrey J. Luce. *Livy - The Composition of His History*. Princeton: Princeton University Press, 1977. Cf. especialmente o cap.7.

<sup>3</sup> Presente por exemplo nas questões sobre os Livros Sibílinos, mas também em situações mais triviais, como em Tácito, *Anais* 15.41.

mas, como veremos, Camilo finalmente rompe com o ciclo da troca de cidades e convence os cidadãos a não abandonarem Roma e seus deuses - Roma é literalmente refundada em cima de si mesma. Tanto isso é claro para Tito Lívio que ele inicia o livro 6 com um prefácio onde utiliza novamente a expressão *ab urbe condita*:

*Os feitos dos romanos, da fundação da cidade de Roma até a sua captura, primeiro sob os reis, depois sob os cônsules, ditadores, decênviros e tribunos consulares, guerras no exterior, sedições domésticas, narrei em cinco livros. [...] De agora em diante, uma história das guerras e acontecimentos internos mais clara e precisa será narrada, a partir da segunda origem da cidade, que renasceu, assim como de raízes, mais vigorosa e fecunda<sup>5</sup>.*

E, assim como Camilo refundou Roma após a destruição pelo gauleses, Augusto também refunda Roma após a destruição da guerra civil. Mesmo dentro do padrão da mudança física de cidades, Augusto pode ser visto como um paralelo a Camilo se considerarmos o que diz Suetônio<sup>6</sup> a respeito de Júlio César, com o forte boato que se espalhou em Roma de que ele queria transferir a capital do império para Alexandria ou Tróia. Levando-se também em conta todas as demonstrações conscientes da política de Augusto para erguer e mostrar uma Roma renovada, presentes na reforma urbanística da cidade, na literatura, e na *Res Gestae*, entre outros, podemos vislumbrar os três personagens como pontos cruciais na vida da cidade. Rômulo é responsável pela fundação física e religiosa, na medida em que estabelece o culto principal a Júpiter *Optimus Maximus* (como veremos no próximo tópico); Camilo, por sua vez, “refundou” Roma quando expulsa os gauleses e impede o abandono da cidade por uma nova ocupação de Veios, num aspecto não só físico como também moral/simbólico e de piedade religiosa por se recusar a abandonar os deuses da cidade; e, por fim, Augusto “refundou” Roma fisicamente, pois que ele a “encontrou feita com tijolos e a deixou em mármore<sup>7</sup>.”

Vejamos mais detalhadamente como cada um dos três personagens refunda Roma. Rômulo é a figura primordial, e tem características bastante peculiares que irão delinear o caráter do desenvolvimento e poderio posterior de Roma. Ele apresenta um típico elemento divino que legitima o fundador de uma cidade, pois seria descendente direto dos deuses,

---

<sup>4</sup> Kraus, *Livy. Ab Urbe Condita*, pp.270-271.

<sup>5</sup> 6.1: “*quae ab condita urbe Roma ad captam eandem Romani sub regibus primum, consulibus deinde ac dictatoribus decemvirisque ac tribunis consularibus gessere, foris bella, domi seditones, quinque libris exposui. [...] clariora deinceps certioraque ab secunda origine uelut ab stirpibus laetius feraciusque renatae urbis gesta domi militiaeque exponentur*”. As traduções são da autora.

<sup>6</sup> *Vida de Júlio César*, 79.

filho de Marte<sup>8</sup>. Tito Lívio resolve selecionar propositalmente uma dentre diversas tradições a respeito do nascimento de Rômulo, mas na verdade não chega a confirmar se essa versão é realmente legítima. Porém, isso não invalida o mérito de Rômulo:

*Mas o destino já tinha, como acredito, determinado a origem desta grande cidade e a fundação do maior império sob os deuses. Tendo a Vestal, violentada com força, dado à luz gêmeos, nomou Marte como responsável pela paternidade suspeita - fosse por que realmente acreditasse nisso, ou fosse porque a falta pareceria menor se fosse atribuída a um deus<sup>9</sup>.*

Mesmo com a incerteza sobre sua origem divina, Rômulo consegue se impor, em parte porque os deuses assim o querem - é vontade divina e destino certo que Roma seja a cidade mais poderosa do mundo -, mas também como uma espécie de “self-made man” do Lácio primitivo. Conquista tudo e todos pelo seu valor e caráter, não apenas pelo mérito de suas origens. Sua infância e juventude são simples, num ambiente rústico, e isso se refletirá na sua austeridade, coragem e equilíbrio. É, nesse sentido, um arquétipo do romano primordial e um modelo que se reflete nos personagens posteriores oriundos do mesmo tipo de ambiente. Vale a pena citar um trecho de Miles, que sintetiza com lucidez a questão e propõe significados importantes:

*[...] the distinguishing emphasis of Livy's account was especially pertinent to at least three prominent themes in the ideology of his Roman contemporaries. The first is the notion that the Romans were a self-made people who surpassed Hellenistic peoples in morality, practical wisdom, and warfare. Closely related to this idea is a second notion, that the Romans were superior not in spite of but precisely because of their their apparent cultural backwardness: the simple austerity of their rustic traditions fostered a strength of character that the literary sophistication of the Hellenes could not equal. A further variation of these two themes, constituting a third, arose as the consequence of the appropriation of the first two themes by noui homines, who argued that precisely because they were self-made they were closer to the traditional source of Roman excellence than contemporary nobiles were, and in fact embodied the very qualities on which the ancestors of the Roman nobilitas had based their original claims to distinction and privilege. (MILES, 1997:149)*

Um outro aspecto de como a atitude de Rômulo é determinante para a formação e o futuro de Roma, e onde podemos associá-lo com Augusto, é também o fato de que ele

---

<sup>7</sup> Suetônio, *Vida de Augusto*, 28: “*marmoream se relinquere, quam latericiam acceperisset*”.

<sup>8</sup> Tradição de origem helenística.

<sup>9</sup> *Ab Urbe Condita* 1.4: “*sed debebatur, ut opinor, fatis tantae origo urbis maximique secundum deorum opes imperii principium. ui compressa Uestalis cum geminum partum edidisset, seu ita rata seu quia deus auctor culpae honestior erat, Martem incertae stirpis patrem nuncupat*”.

conquista o poder, estabelece-se e se legitima através de sua própria *auctoritas*. Este é um valor-chave para Augusto, que se valeu disso para legitimar sua posição política durante décadas após Ácio sem no entanto dissolver os cargos e instituições oficiais da República. É importante observar que a *auctoritas* tem duas características principais, que estão presentes em ambos os casos de Rômulo e Augusto: ela é construída e acumulada com o passar do tempo pelas ações de um indivíduo, sendo portanto não automática, e também não pode ser imposta, mas sim atribuída ao indivíduo por outrem, em especial a coletividade (Senado, povo, exército etc.)<sup>10</sup>.

Ainda, Rômulo é responsável pela apresentação da *pietas* como uma das características típicas da romanidade. Rômulo será um símbolo a ser imitado na devoção aos deuses da cidade, mas também se torna ele próprio um deus depois de morto (lembramos que assim como Augusto), seguindo o desejo dos outros deuses de que Roma seja grandiosa<sup>11</sup>. O próximo renovador da cidade, Camilo, embora não tenha sido deificado, traz como uma de suas principais características essa mesma *pietas*, determinante última da existência de Roma na medida em que conservar o culto aos deuses significa não abandoná-los, e abandonar os deuses significa abandonar a própria Roma<sup>12</sup>.

Camilo é associado explicitamente a Rômulo em Tito Lívio, quando do obituário do general no início do livro 7: “Por vinte e cinco anos ainda [...] foi digno de uma glória grande como seu mérito, e foi considerado digno de ser nomeado, depois de Rômulo, segundo fundador de Roma”<sup>13</sup>. Sua carreira foi marcada por duas grandes conquistas, separadas por um exílio. Foi o general responsável pela conquista de Veios, e Tito Lívio constrói a narrativa dessa conquista numa analogia, retomando as sucessivas refundações vistas acima, que remete ao cerco e conquista de Tróia<sup>14</sup> (KRAUS, 1994, p. 271-273): ambos os cercos duraram dez anos, o mecanismo de invasão em ambas as cidades é semelhante, pois o túnel que os romanos escavam por baixo das muralhas da cidade

---

<sup>10</sup> “*Auctoritas is not simply a given, but needs to be constantly reacquired and validated. In that sense, it is part of the Augustan ethos that emphasized process and ongoing effort rather than fulfillment*”. Karl Galinsky. *Augustan Culture*. Princeton: Princeton University Press, 1996. P.15. Este trecho é parte de um capítulo exclusivamente destinado ao conceito de *auctoritas* no mundo romano e no período de Augusto.

<sup>11</sup> *Ab Urbe Condita*, 1.16.

<sup>12</sup> Tito Lívio mostra inúmeros exemplos disso na primeira década. Para vermos como a presença do deus e de seu culto é definidora da existência de uma cidade no mundo antigo e especialmente na Itália, um exemplo interessante é a remoção de Juno do templo em Veios, na vitória dos romanos contra a cidade, em *Ab Urbe Condita* 5.22. É importante ver como a apropriação da estátua de Juno por Roma é fonte absoluta de legitimação da sua conquista sobre Veios, ainda mais porque tem a anuência da própria deusa.

<sup>13</sup> 7. 1.: “*par deinde per quinque et uiginti annos [...] titulo tantae gloriae fuit dignusque habitus quem secundum a Romulo conditorem urbis Romanae ferrent*”.

<sup>14</sup> Kraus, *Livy. Ab Urbe Condita*, pp.271-273.

permite que o exército entre sorrateiramente e ataque Veios por dentro, ambas as cidades são caracterizadas pelo seu luxo e opulência, e a profecia do harúspice etrusco de Veios (V, 15) é análoga à do adivinho troiano Heleno (Homero. *Ilíada*, 24). Mas, estariam sendo assim os romanos associados aos gregos? Kraus esclarece: “*There is a topological logic to that: if the fall of Troy is the literary archetype for all captured cities, then all besiegers will potentially be Greeks, all besieged Trojans*”<sup>15</sup>. A vitória romana é, no entanto, um aviso sobre o destino, já que pela ambição e falta de fidelidade aos deuses demonstrada pelos romanos após a conquista de Veios, a própria Roma será depois conquistada.

Terminados o sítio e a destruição da cidade pelos gauleses, Camilo faz um longo discurso em Tito Lívio onde são apresentados os argumentos que convencerão os romanos a desistir de emigrar para Veios. Em termos gerais, o discurso mostra a importância da *pietas* e da *fides* como elementos de ligação com Roma e de definição da identidade romana. Roma não deve ser abandonada porque é a morada dos deuses, através dos templos no Capitólio. Foi exatamente a manutenção do culto aos deuses que em última instância permitiu a vitória sobre os gauleses:

*Abandonados pelos deuses e pelos homens, ainda assim não interrompemos os cultos divinos. Por isso eles nos recobriram a pátria, a vitória e a glória na guerra, que tínhamos perdido. E sobre os inimigos, que, cegos pela cobiça e pelo peso do ouro, romperam o tratado e o juramento, verteram o terror, a debandada e a morte*<sup>16</sup>.

Enfim, viver, estar fisicamente em Roma, assim como estão os deuses, é a condição *sine qua non* para ser romano. Sendo assim, Camilo faz com que Roma não seja a nova Tróia caída, quebrando portanto o ciclo de destruição das cidades e tornando a herança se Tróia um modelo abstrato, não mais uma realidade concreta. A Tróia que no final acaba por triunfar sobre os gregos perpetua-se em Roma.

Augusto, durante seu governo, é comumente associado a Rômulo, como um novo fundador da cidade. Suetônio relata que alguns senadores tinham mesmo sugerido a Otaviano a adoção oficial de “Rômulo” como título, mas o nome “Augusto” foi escolhido pelo seu aspecto religioso e de dignidade em relação a santuários e locais consagrados

---

<sup>15</sup> Idem, p.273.

<sup>16</sup> *Ab Urbe Condita* 5.51: “*deorum cultum deserti ab dis hominibusque tamen non intermisimus. reddidere igitur patriam et uictoriam et antiquum belli decus amissum, et in hostes qui caeci auaritia in pondere auri foedus ac fidem fefellerunt, uerterunt terrorem fugamque et caedem*”.

pelos áugures<sup>17</sup>. Mas os dois nomes ainda estão interligados, quando vemos que Augusto aparece como um segundo Rômulo no sentido de refundar os pilares religiosos que definiam a identidade própria dos romanos. Para isso, foram adotadas diversas medidas para a retomada de cultos antigos que haviam caído em desuso e também pela restauração e construção de templos para diversas divindades<sup>18</sup>.

Augusto ainda pode ser visto como um novo Camilo, pois que a refundação da cidade passou com o último também pela reconquista militar frente a uma invasão. Se Camilo derrotou os gauleses, Augusto derrota na guerra civil as forças de Marco Antônio e Cleópatra, que tinham uma forte tendência orientalizante. Camilo ressalta, como vemos no discurso de Tito Lívio, as virtudes fundamentais que constroem o caráter dos romanos, e Augusto na verdade faz o mesmo, pelo fortalecimento desses mesmos elementos perante a orientalização do império ameaçada com Marco Antônio.

Nesse sentido, é fácil entender como essa refundação de Roma por Augusto tomou um caráter conservador. Augusto procura, em todas as mudanças que realiza - seja em nível urbanístico, institucional ou outros -, promover o reestabelecimento da *res publica*<sup>19</sup> tradicional, dos princípios do *mos maiorum*, os valores antigos. O contraponto se dá explicitamente com o estado de degeneração moral da guerra civil, onde os valores tradicionais estavam corrompidos e deturpados por atitudes “não-romanas”, como a ambição pelo poder e o desrespeito pela coletividade. Como observa Eder:

*His greatest political achievement consists in having promoted the development of a patriotism that combined the legacy of the Republic and his own accomplishment in preserving that legacy. The Republic lived on, because Augustus had summoned once more to the consciousness of the Romans the responsibility that was traditional to them and befit them alone, namely, the responsibility of ruling over the earth: Tu regere impeio populos Romane memento [Virgílio, Eneida 6.851]<sup>20</sup>.*

Como vimos acima, é através da *auctoritas*, que remete a Rômulo, que Augusto irá impor suas reformas e legitimizá-las. O texto das suas *Res Gestae* é revelador nesse sentido, pois nele Augusto pretende demonstrar que seus feitos foram voltados nada mais

---

<sup>17</sup> Suetônio, *Vida de Augusto* 7.2. Cf. Kenneth Scott. “The Identification of Augustus with Romulus-Quirinus” in: *Transactions and Proceedings of the American Philological Association* 56, 1925. Pp.82-105. Ver também Díon Cássio, 53.16.7, e Floro, 2.34, 66.

<sup>18</sup> *Ab Urbe Condita* 4.20: “*templorum omnium conditorem ac restitutorem*”.

<sup>19</sup> Evitaremos aqui o uso do termo “República”, já que, entendido como oposição a “Principado”, nunca foi assim utilizado entre os romanos.

<sup>20</sup> Walter Eder. “Augustus and the power of tradition: the Augustan principate as binding link between Republic and Empire” in: Kurt Raaflaub e Mark Toher (eds.). *Between Republic and Empire - Interpretations of Augustus and his Principate*. Berkeley / Los Angeles / London: University of California Press, 1990. P.87.

do que para o bom funcionamento do Estado, e todo o seu poder foi conquistado e perpetuado apenas para viabilizar a volta à ordem antiga<sup>21</sup>. É pelo exercício de sua *auctoritas* que ambos os personagens servem de *exemplum*, pois o poder para eles não é veículo para seus interesses pessoais (como acontece com o tirano, ou com aristocratas egoístas como Ápio Cláudio) mas sim ferramenta para a maior dedicação possível ao Estado - função principal e identificadora do romano ideal. E, assim como o poder é determinado pela *auctoritas*, ele também determina o correto equilíbrio pela *concordia ordinum*, outro conceito muito importante para Tito Lívio.

---

<sup>21</sup> “Augustus’ claim was to have liberated the *res publica* on his own initiative and at his own expense. This is the keynote of the *Res Gestae*, fittingly amplified by the emphasis on his *auctoritas*, which he ultimately mentions explicitly in the concluding section” in: Galinsky, op.cit. p.48.